

O PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA NOS AMBIENTES DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA

Renato Francisco Merli
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
renatomerli@utfpr.edu.br

Leonardo Severo
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
leonardosevero_@hotmail.com

Resumo:

A relação estabelecida entre professor e aluno refletirá diretamente na relação estabelecida entre aluno e conhecimento matemático. Essa relação pode ser dada no processo de transferência, no qual o aluno transfere ao professor os sentimentos vivenciados no ambiente familiar e escolar. Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar como esse processo de transferência aparece nas falas de alunos de matemática. Para isso foi realizada uma entrevista semiestruturada em uma escola pública do Oeste Paranaense. A pesquisa contou com uma amostra de dez entrevistados e, ao final, pôde-se verificar que o desejo do aluno pelo conhecimento matemático é resultado, dentre outras coisas, do processo de transferência, o que, em certa medida, influencia diretamente no processo de ensino e aprendizagem da Matemática.

Palavras-chave: Desejo; Influência; Relação professor/aluno.

1. Introdução

O processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos matemáticos é fonte de inquietações de inúmeros pesquisadores da Educação e da Educação Matemática, no que tange compreender o comportamento dos alunos, podemos citar as pesquisadoras Kupfer (2001) e Szymanski (2007, 2012). Elas encontraram em ambientes que são explorados os conteúdos matemáticos diversos tipos de sujeitos, os quais estavam sujeitos a sensações e opiniões oriundas de outros ambientes sociais, dentre eles o ambiente familiar. Nesse contexto, percebemos que os alunos trazem consigo experiências vivenciadas deste ambiente. Essas experiências podem ser positivas ou negativas, o que nos permite indagar: elas influenciarão diretamente na relação estabelecida entre esse sujeito e a sua escola? E, a partir dessas relações, o sujeito (aluno) vai direcionar ou não seu desejo pelo conhecimento, especialmente o conhecimento matemático? Além disso, ainda podemos nos perguntar: onde se esconde o desejo do aluno em aprender Matemática? Como o professor pode influenciar isso?

Buscando responder essas e outras questões os pesquisadores entrevistaram alunos com idades entre 10 e 12 anos, os quais frequentavam uma escola pública do Oeste Paranaense. A pesquisa contou com uma entrevista semiestruturada e permitiu aos pesquisadores avaliar o papel do professor de Matemática na canalização do desejo do aluno pela disciplina de Matemática. Para tanto, nas próximas seções, apresentamos os conceitos de desejo e transferência teorizados por Sigmund Freud e Jacques Lacan.

2. O Desejo e a Aprendizagem de Matemática

No ambiente escolar são estabelecidos diversos tipos de relação. Há a relação aluno/escola, aluno/professor, aluno/aluno e professor/escola. Pertencente a esse ambiente, numa escala menor, temos o ambiente de ensino e aprendizagem de Matemática. Nele, historicamente, encontramos relações conflituosas, como por exemplo, a relação aluno/conhecimento matemático e a relação aluno/ professor de Matemática. Essas relações influenciam diretamente no desejo do aluno pelo conhecimento matemático.

A motilidade promove ações em nosso organismo, o qual está constantemente buscando uma satisfação. O nosso aparelho mental está, portanto, buscando sanar suas próprias excitações. “O acúmulo de excitação é vivido como desprazer, e coloca o aparelho em ação com vistas a repetir a vivência de satisfação” (FREUD, 1969, p. 622). Então,

a esse tipo de corrente do interior do aparelho, partindo do desprazer e apontando para o prazer, damos o nome de “desejo”. Afirmamos que só o desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento e que o curso de excitação dentro dele é automaticamente regulado pelas sensações de prazer e desprazer (FREUD, 1969, p. 622).

As relações entre sujeito e mundo externo tem como princípio o desejo. Jacques Lacan (1901 – 1981) defende que estamos em constante desejo. Contudo, o que desejamos está relacionado ao Outro, uma vez que o que desejamos um objeto e não um sujeito (LACAN, 1992). Desejaremos, portanto, um objeto, o qual chamaremos de objeto do desejo,

[...] pois, em sua raiz e essência, é o desejo do Outro, e é aqui, falando propriamente, que está a mola do nascimento do amor, se amor é aquilo que se passa nesse objeto em direção ao qual entendemos a mão pelo nosso próprio desejo e que, no momento em que nosso desejo faz eclodir seu incêndio, nos deixa aparecer, por um instante, essa resposta, essa outra mão que se estende para nós, bem como seu desejo (LACAN, 1992, p. 180).

Em suma, “desejo é o sentimento muito forte do querer. É querer tanto, a ponto de não medir esforços para conseguir o objeto desejado” (SZYMANSKI; PEZZINI, 2007, p. 21). Como destacam Szymansky e Rosa (2012, p. 4),

é preciso ter em consideração que a educação, via de regra, vai contra o desejo, pois o que mais se espera de um aluno é que ele seja o que o professor deseja: sábio e dócil. Para isso existem regras, condutas esperadas, parâmetros curriculares, etc.

Os processos internos pelos quais o sujeito passa influenciam diretamente no desejo do aluno pelo conhecimento matemático. Dentre esses processos podemos destacar o processo de sublimação. De acordo com Kupfer (2001), toda pulsão sexual é destinada a algum alvo. Quando a pulsão sexual muda seu objeto de desejo, ou alvo sexual, e se orienta para outro alvo temos caracterizado o processo de sublimação. O processo de sublimação permite que o desejo do aluno pelo conhecimento matemático possa ser estimulado. O processo de sublimação dependerá inclusive da visão do professor frente ao processo de ensino e aprendizagem. Quando é despertado o desejo do aluno pelo conhecimento matemático a aprendizagem do aluno é beneficiada, uma vez que quanto mais variadas as experiências, maior será o desenvolvimento do pensamento. Consequentemente, melhor será a qualidade da aprendizagem (RAASCH, 1999).

Quando o desejo é despertado, juntamente com ele é despertada a curiosidade intelectual, uma vez que a decisão do aluno em estudar Matemática revelará sua postura diante dessa área do conhecimento. O aluno deixa assim de ser apenas espectador no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos matemáticos e passa a se envolver mais na construção do próprio conhecimento. Dessa forma o aluno passa a ser responsável por sua aprendizagem. Lorenzato (2006, p. 81-82), por exemplo, destaca que,

a descoberta geralmente vem como desfecho do processo de experimentação, de procura, de pesquisa e se expressa por um sorriso que simboliza a alegria de um desafio vencido, de um sucesso alcançado, de um novo conhecimento adquirido; por isso. A descoberta causa, também, um forte reforço a autoimagem. [...] a descoberta atua tanto na área cognitiva como na afetiva de quem a faz.

O sucesso do aluno na disciplina de Matemática dependerá fortemente do desejo deste aluno em aprender Matemática. São inúmeros os fatores que contribuem nesse processo, podendo-se destacar o processo de transferência, o qual será discutido na próxima sessão. Este

processo mostrará a relação estabelecida entre família e o conhecimento matemático, relação esta que também influencia o desejo do aluno em aprender Matemática.

Ao compreenderem-se os processos internos pelos quais o sujeito passa, a relação estabelecida entre aluno e conhecimento matemático será beneficiada. O foco do desejo do aluno passará a ser a disciplina de Matemática. Dessa forma, serão estabelecidas novas relações nos ambientes de aprendizagem matemática, onde o conhecimento matemático é foco do interesse de ambos (professor e aluno).

3. A influência do processo de transferência nos ambientes de aprendizagem de Matemática

A relação estabelecida entre aluno e professor de matemática influenciará na relação estabelecida entre aluno e conhecimento matemático, ao qual o aluno destinará ou não seu desejo. Porém, a relação entre professor e aluno dependerá inclusive da relação estabelecida entre pais e filhos no ambiente familiar. No que diz respeito à educação, podemos destacar o processo de transferência. Geralmente “os problemas de aprendizagem Matemática estão, em parte, relacionados às transferências que os alunos fazem dos seus pais em relação aos seus professores” (FONSECA, 2011, p. 279).

No processo de transferência, o aluno transfere ao professor o papel que antes destinava a seus pais. Como destacam Szymanski e Rosa (2012, p. 4),

no campo da educação, existe a necessidade da mediação de um professor, assim o processo de aprendizagem exige alguém que ensine e alguém que aprenda. Essa aprendizagem também vai depender do lugar em que cada professor é colocado por seu aluno.

Através do desdobramento do Complexo de Édipo pode ser caracterizado o processo de transferência. As figuras paternas e maternas influenciam o desenvolvimento da criança e consequentemente, as relações estabelecidas entre a criança e a sociedade, incluindo-se assim os ambientes de ensino e aprendizagem de Matemática.

A partir da lenda Édipo Rei¹ pode-se caracterizar o Complexo de Édipo. Na psicanálise, um pai, uma mãe e um filho representam uma estrutura edípica (RAASCH,

¹ A lenda de Édipo Rei é baseada na mitologia grega, especificamente na peça teatral redigida por Sófocles intitulada ‘Édipo Rei’. Nela, Édipo, sem saber que Jocasta é sua mãe, casa-se com ela após assassinar o próprio pai, Laio, sem saber do parentesco entre ambos. Depois de descobrir a verdade, Édipo cega a si mesmo enquanto a mãe se suicida (FERRARI, s.d.).

1999). No decorrer da infância, a criança idealiza em seus pais a figura de proteção, cuidado e carinho. Ao frequentar o ambiente escolar, a criança destina ao professor aquela figura que antes resignava a seus pais, ou seja,

os professores pela dissolução do complexo de Édipo, têm a possibilidade de ocuparem imaginariamente o lugar de Lei, autoridade que antes era dirigida aos pais, favorecendo a transferência, o desejo e o saber (SZYMANSKY; ROSA, 2012, p. 5).

O professor passa a ser a figura referencial para o aluno e é nela que ele irá se espelhar. “O professor é, tanto quanto os pais, um modelo de identificação” (SILVA, 2006, p. 167). Esse professor é reconhecido pelo aluno como figura libertadora, a qual o auxiliará na obtenção de poder (conhecimento) diante da sociedade em que vive. Sendo assim,

o professor é um dos primeiros substitutos dos pais. É ele que ensina desde a forma de pintar e colar mais adequada, das primeiras letras até a construção de frases para a elaboração de um texto mais complexo. É ele quem proporciona que o aluno transforme um papel em branco em uma redação, em uma história (SILVA, 2006, p. 167).

É importante destacar que o processo de transferência é inconsciente. Como destaca Silva (2006, p. 169), a

[...] transferência é algo que acontece inconscientemente, onde o desejo inconsciente busca ligar-se a formas (professor) para esvaziá-la do seu valor real, colocando ali o sentido que nos interessa. Instalada, o professor torna-se depositário de algo que pertence ao aluno. Este, contudo, não é um lugar fácil de suportar, pois o professor também é sujeito desejante com vida própria.

O sujeito desejante (aluno) transfere ao professor não somente experiências positivas vividas no ambiente familiar, mas também as relações negativas vivenciadas entre pais e filhos. Sendo assim, “o aluno revive a relação original entre pais e filhos transferindo para o professor todo o amor e/ou hostilidade que teve que abrir mão” (SILVA, 2006, p. 168). Ao professor são transferidos, portanto, todos os sentimentos que tem origem da relação estabelecida entre pais e filhos. Ainda, “a posição da criança frente ao saber, que o mundo escolar representa, se articula à forma como ela se encontra ligada à sua estrutura familiar” (KHALIL, 2011, p.42). Muitas vezes, “pelas vias do inconsciente, os jovens adolescentes sinalizam, por meio da transferência, desejos recalcados em relação aos seus pais” (FONSECA, 2011, p. 275). De acordo com Dos Santos (2009, p. 49),

o professor colhido pela transferência passa a fazer parte do inconsciente do aluno, e é a partir desse lugar em que é colocado é que será escutado, ou

seja, tudo que o professor disser será escutado através dessa posição particular que ocupa no inconsciente do sujeito.

A aprendizagem do aluno dependerá diretamente das relações estabelecidas entre professor e aluno. Como se sabe, a aprendizagem está vinculada às relações afetivas estabelecidas entre professor e aluno, os quais se conhecem e desconhecem no processo educacional (SILVA, 2006). Revestido da figura à qual o aluno destina seu desejo, o professor ou aquilo que ele representa fará com que o aluno se identifique com o conhecimento matemático e busque sanar suas “necessidades” frente à essa área do conhecimento.

O professor de Matemática deve aceitar o lugar no qual o aluno lhe colocou. Esse é um dos passos para o sucesso do aluno no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos matemáticos. Caso contrário, o aluno está fadado ao fracasso escolar. É preciso destacar que “o professor, na transferência, carrega algo que é do aluno e é por este revestido de uma importância especial, a qual lhe garantirá poder e autoridade em sala de aula” (DOS SANTOS, 2009, p. 48).

A relação estabelecida entre aluno e conhecimento matemático, ao qual o aluno destinará ou não seu desejo, terá como princípio a relação estabelecida entre aluno e professor de Matemática. O sucesso do aluno no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos matemáticos está vinculado, dentre outras coisas, ao lugar em que o aluno colocou seu professor de Matemática. Ao se apropriar da figura pela qual foi revestido, o professor poderá construir e/ou reconstruir as relações estabelecidas entre sujeito desejante (o aluno) e a Matemática. Dessa forma, garantirá a qualidade da aprendizagem do aluno e reestruturará não só a relação entre aluno e o conhecimento matemático, mas também todas as outras relações estabelecidas nos ambientes de ensino e aprendizagem de Matemática.

4. A pesquisa

Ao acometer-se a uma pesquisa o pesquisador busca resolver alguns conflitos internos a partir de uma problemática vivenciada. Ao entrar em sala de aula nos deparamos com os mais diversos tipos de sujeito. Temos no educandário alunos com alto desempenho na disciplina de Matemática. Entretanto, há aqueles que possuem aversão à disciplina. Mas afinal, como o desejo pelo conhecimento matemático pode influenciar o desempenho do aluno nessa área do conhecimento? Como a figura do professor influencia nesse processo? A partir dessas inquietações pode ser delineada a pesquisa.

A coleta de dados aconteceu em uma escola da rede estadual de ensino da região Oeste Paranaense. A amostra foi selecionada pela professora de Matemática regente, sendo papel do entrevistador apenas expor os perfis dos entrevistados. Foram selecionados alunos com alto desempenho escolar, alunos com desempenho escolar moderado e alunos que não veem a escola e/ou a Matemática como objetivo em suas vidas. A amostra era composta por dez alunos, com idades entre 10 e 12 anos. A entrevista semiestruturada² foi gravada em áudio e posteriormente transcrita. Os sujeitos entrevistados foram nomeados por siglas A1, A2, A3, A4, etc.

Para a análise de dados, os pesquisadores utilizaram o método qualitativo-quantitativo, uma vez que,

os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem [...] os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos (NEVES, 1996, p. 02).

Apropriando-se de ambos os métodos os entrevistadores puderam avaliar cautelosamente o discurso dos sujeitos para posteriormente criar parâmetros com as respostas dadas. Esse fato pode ser observado na análise dos dados coletados. Os entrevistadores puderam, portanto, avaliar tanto a essência do discurso dos sujeitos como quantificar as respostas coletadas, garantindo uma melhor qualidade da pesquisa.

5. Análise de dados

A coleta e posterior análise de dados permitiu aos pesquisadores concluir e/ou validar a pesquisa teórica. No caso, foi possível verificar que o desejo é substancial para o aluno aprender Matemática e, além disso, a figura do professor exerce forte influência sobre os alunos.

A relação afetiva entre professores e alunos é fundamental na construção do conhecimento, especialmente do conhecimento matemático. Como pode ser observado no relato do entrevistado A6 uma escola ideal *'seria bem grande, com vários laboratórios, com sala de arte. Não deveria ter 50 alunos na sala para o professor ter mais contato com os alunos. Deveria ter dois professores em sala pra poder ajudar melhor os alunos'*. Ao observar a resposta dada pelo entrevistado podemos concluir que as relações afetivas influenciam diretamente as relações estabelecidas em sala de aula, dentre elas a relação entre aluno e o conhecimento matemático. Além disso, o aluno A2 ao ser questionado sobre sua

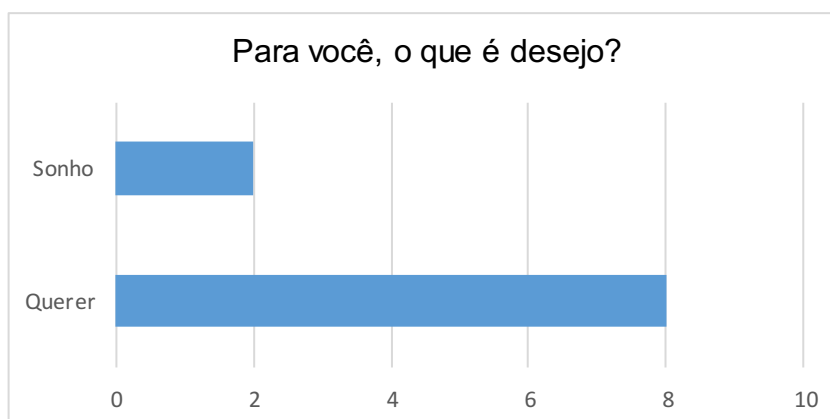
² Verificar apêndice com as perguntas.

preferência por determinado professor declarou preferir ‘*a professora de matemática porque ela é muito querida. Ela é amorosa*’. Da mesma forma, o aluno A5, no decorrer da entrevista declarou ter uma boa relação afetiva com os professores, afirmando assim que ‘*sou brincalhão com os professores. A gente conversa e se dá bem. Gosto de todos*’. Dessa forma, pode-se concluir que as relações afetivas entre sujeito e objeto do desejo influenciam diretamente no desejo do aluno pelo saber.

O professor deve, portanto, avaliar sua postura diante do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que, “no campo das relações que se estabelecem entre professor e aluno é que se criam as condições para o aprendizado, sejam quais forem os objetos de desejo a serem trabalhados” (ALMEIDA, 1993, p. 40).

A maioria dos entrevistados relacionou o desejo ao querer. Em torno de 80% (Figura 1) relacionou o desejo ao querer, como pode ser observado abaixo,

Figura 1 - O que é o Desejo?



Fonte: Do Autor, 2016

Sobre isso, Szymanski e Pezzini (2007, p.21) relatam que, “desejo é o sentimento muito forte do querer. É querer tanto, a ponto de não medir esforços para conseguir o objeto desejado”. O entrevistado A10 relatou que ‘*desejo é você querer muito alguma coisa*’. Do mesmo modo, quando questionado, o aluno A2 declarou que ‘*desejo é algo que você quer, mas você não tem*’. Sendo assim, o desejo confunde-se com o querer.

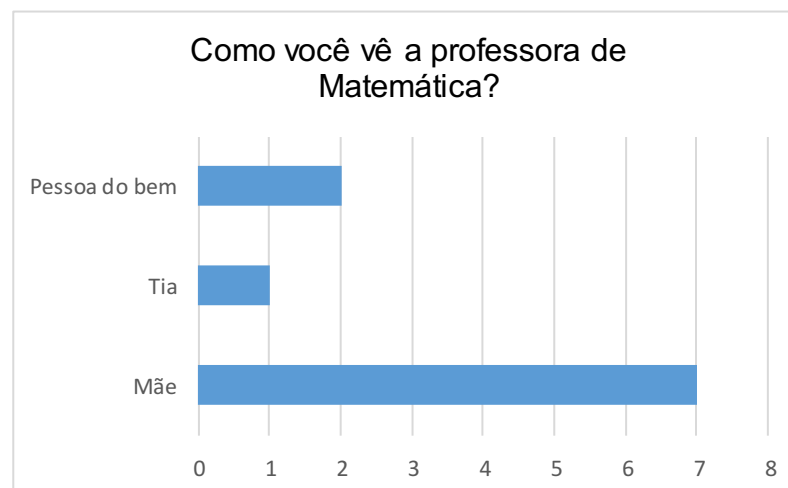
Como visto, as relações afetivas vão determinar a relação estabelecida entre sujeito desejanter e a disciplina de Matemática, a qual pode vir a ser o objeto de desejo do sujeito. O professor precisa reconhecer a subjetividade do sujeito. Este sujeito é passível de sensações e opiniões e por vezes nem compreende o que deseja.

Dentre os processos internos pelo qual o sujeito passa podemos citar o processo de transferência. Nele o aluno transfere ao professor o papel antes destinado aos pais. Neste processo podem ser transferidos tanto sentimentos hostis como amistosos. De acordo com Filloux (1997, p. 11),

a transferência representa um papel decisivo na relação professor-aluno e alerta para o estabelecimento ou a aceitação na escola de uma transferência positiva do aluno sobre o mestre.

Durante as entrevistas, pôde ser observado o processo de transferência nos ambientes escolares. Em torno de 80% dos entrevistados relacionou o professor a alguma figura parental (Figura 2).

Figura 2 - Como você vê a professora de Matemática?



Fonte: Do Autor, 2016

Ainda sobre o processo de transferência, ao ser questionado sobre sua relação com a professora de Matemática e como a veem, o entrevistado A7 relatou que *'a relação é boa, conversamos bastante. Ela cobra bastante. Eu vejo ela como uma outra mãe'*. Seguindo a mesma linha de pensamento o entrevistado A2 disse que *'vejo ela como uma pessoa que pode me ajudar a crescer no futuro'*. Dessa forma, podemos perceber que esse entrevistado mesmo não declarando diretamente, relacionou a professora às figuras de proteção, cuidado e auxílio. Enquanto isso, o entrevistado A9 declarou que *'eu gosto dela, mas às vezes ela é chata, pega um pouquinho pesado. Eu vejo ela como uma tia, as vezes legal, as vezes chata'*. Apesar de relacionar a uma tia, percebemos ainda o processo de transferência, uma vez que o aluno relacionou a professora a alguma figura parental.

O desejo do aluno pelo conhecimento matemático é resultado de inúmeros fatores psicológicos internos pelos quais o sujeito passa. Esse desejo, dentre outras coisas, vai

depender das relações estabelecidas no ambiente familiar, uma vez que o aluno transferirá para seu professor de Matemática os sentimentos, tanto hostis como amistosos, que foram vivenciados no ambiente de convívio familiar. Dessa forma, o professor, apropriando-se do lugar em que o aluno o colocou, poderá canalizar o desejo do aluno para o conhecimento matemático, reestruturando as relações em sala de aula, culminando assim na melhora da qualidade do processo de ensino e aprendizagem dos saberes matemáticos.

6. Considerações Finais

Quando entramos nos ambientes de ensino e aprendizagem de Matemática nos deparamos com diversos desafios. Entre eles ensinar à um aluno que não tem vontade de aprender. Nos ambientes em que são explorados os conteúdos matemáticos encontramos diversos tipos de sujeito: alunos com alto desempenho escolar, alunos com desempenho escolar moderado e alunos que não veem a escola e/ou a matemática escolar como objetivo em suas vidas.

A pesquisa teve como objetivo analisar como a postura do professor de Matemática pode influenciar o desejo do aluno por esta área do conhecimento. Ela aconteceu em uma escola pública do Oeste Paranaense. Ela (a pesquisa) envolveu sujeito com idades entre 10 e 12 anos. No decorrer da pesquisa pode ser verificado que a postura do professor no processo de ensino e aprendizagem reflete diretamente na relação estabelecida entre aluno e o conhecimento Matemático.

Os alunos transferem ao professor os sentimentos, tanto hostis como amistosos, vivenciados no ambiente familiar. No professor são depositados sentimentos inconscientes experimentados na fase pré-escolar e que, posteriormente, são projetados na relação entre professor e aluno. Como pôde ser observado na pesquisa, o aluno vê em seu professor de Matemática figuras parentais de cuidado, proteção e carinho. Temos então caracterizado o processo de transferência.

O desejo do aluno pelo conhecimento matemático é resultado de fatores psicológicos internos, os quais influenciarão diretamente a relação estabelecida entre sujeito e objeto do desejo. Consequentemente, ao tomar conhecimento desses processos, o professor de Matemática pode reestruturar as relações estabelecidas em sala de aula, como por exemplo, a

relação entre aluno e os saberes matemáticos. Isto então, resultará no sucesso do aluno no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos matemáticos.

Quando o professor se apropria do lugar em que foi colocado pelo aluno pode reestabelecer as relações existentes nos ambientes em que são explorados os conteúdos matemáticos. Dessa forma, ao se estabelecerem novas relações entre sujeito desejante (aluno) e o saber, especialmente o saber matemático, há uma melhora na qualidade da aprendizagem dos conteúdos matemáticos, canalizando o desejo do aluno pela Matemática e garantindo assim o sucesso do aluno nessa área do conhecimento.

7. Referências

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. O lugar da afetividade e do desejo na reação ensinar-aprender. **Temas em psicologia**, v. 1, n. 1, p. 31-44, 1993. Disponível em:

<[http://twingo.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/47/1/O%20](http://twingo.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/47/1/O%20Lugar%20da%20Afetividade%20e%20do%20Desejo%20Na%20Relacao%20Ensinar-Aprender.pdf)

[Lugar%20da%20Afetividade%20e%20do%20Desejo%20Na%20Relacao%20Ensinar-Aprender.pdf](http://twingo.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/47/1/O%20Lugar%20da%20Afetividade%20e%20do%20Desejo%20Na%20Relacao%20Ensinar-Aprender.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2015.

DOS SANTOS, Jácia Soares. **A transferência no processo pedagógico**: quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino-aprendizagem. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

FERRARI, Juliana Spinelli. Complexo de Édipo. **Brasil Escola**. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/psicologia/complexo-edipo.htm>>. Acesso em: 20 out. 2015.

FILLOUX, Jean-Claude. Psicanálise e educação, pontos de referência. **Estilos da clínica** [online]. v. 2, n. 2, p. 8-17, 1997. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v2n2/02.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

FONSECA, Laerte. Uma autópsia nas origens dos problemas de aprendizagem matemática sob as lentes da transferência em Freud. **Revista Psicopedagogia**, v. 28, n. 87, p. 273-282, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n87/08.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos (II) e Sobre os Sonhos**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

KHALIL, Denise Nunes Alves. **Interface Educação/ Psicanálise**: Considerações sobre a motivação e o fracasso escolar. 2011. 71p. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação**. São Paulo: Scipione, 2001.

LACAN, Jacques. **O seminário**: A transferência. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LORENZATO, Sergio. **Para Aprender Matemática**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados. Campinas, 2006.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa – Característica, Usos e Possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

RAASCH, Leida. **A motivação do aluno para a aprendizagem**. Nova Venécia: Faculdade Capixaba de Nova Venécia. 1999. Disponível em: <http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Motivacao/motivacao%20do%20aluno.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2015.

SILVA, Carla Sofia Rocha da. A Relação Dinâmica Transferencial entre professor-aluno no ensino. **Ciências e Cognição/Science and Cognition**, v. 8, 2006. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v08/cec_vol_8_m32696.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015.

SZYMANSKI, Maria Lidia Sica; PEZZINI, Clenilda Cazarin. **O novo desafio dos educadores: como enfrentar a falta do desejo de aprender**. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp%C3%B3sio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completos/Trabalhos/PDF/18%20Clenilda%20Cazarin.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2015.

SZYMANSKI, Maria Lúcia Sica; ROSA, Andrineia Cordova da. O desejo do aluno no processo de ensino aprendizagem. IN: IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012, p. 01-15.

TAVARES, Hermano. **Jogo patológico e suas relações com o espectro impulsivo-compulsivo**. 2000. 184 f. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

APÊNDICE – ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Você gosta de vir à escola?
2. Para você, qual a função/utilidade da escola?
3. Qual a escola ideal para você?
4. Como seus pais veem a escola?
5. O que você entende por desejo?
6. Qual disciplina/conteúdo você sente mais vontade de aprender? Por quê?
7. Qual motivo leva você a não gostar ou não preferir as outras disciplinas/conteúdos?
8. Como é a sua relação com os professores? Tem professor preferido? Por quê?
9. Você gosta de matemática? Por quê?
10. Qual a sua relação com a matemática?
11. E com o professor de matemática? Como você o vê?